

O USO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA PARA O ENSINO DE LEITURA E LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ACORDO COM OS PRECEITOS FREIRIANOS

THE USE OF CONTEMPORARY LITERATURE AS A TOOL FOR TEACHING READING AND LITERATURE IN HIGH SCHOOL: A PROPOSAL ACCORDING TO PAULO FREIRE PRECEPTS

Alexandre Huady Torres Guimarães ¹

Sheila Darcy Antonio Rodrigues ²

RESUMO: O que é, qual a importância e qual a função no mundo contemporâneo da leitura e da literatura são pontos relevantes para a discussão nos dias atuais, devido ao fato que, cada vez mais o indivíduo é exposto a textos e necessita analisá-los e compreendê-los de forma reflexiva e crítica. De acordo com Paulo Freire, desde que o indivíduo nasce ele está lendo o mundo, porém, ensinar a ler é uma das funções da escola, que deve utilizar as mais diversas ferramentas para preparar os seus alunos como leitores reflexivos e críticos. A literatura contemporânea está à disposição dos professores, da escola e dos alunos como uma ferramenta para o ensino da leitura e da própria literatura na sala de aula, uma vez que, a partir dela são possíveis trabalhos de compreensão e análise que tornarão os alunos preparados, para o melhor entendimento de outros textos, bem como de sua própria realidade. Com o intuito de observar como isso pode ocorrer, de fato, em uma situação real, é apresentado no presente artigo, um estudo de caso da aplicação de uma obra contemporânea, *Os Sete*, de André Vianco, em um colégio de São Paulo, buscando a demonstração das vantagens deste tipo de exercício na sala de aula.

Palavras-chave: Leitura. Paulo Freire. André Vianco

ABSTRACT: What is and how is the importance and the function nowadays of reading and literature are important points for discussion in present, due to the fact that more and more individuals are exposed to texts and have the need to analyze them and understand them in a reflective and critically way. According to Paulo Freire since the individual is born he is reading the world, but teach reading is also one of the school functions, and the teachers should use many different tools to prepare their students to be reflective and critics readers. Contemporary literature is available to teachers, schools and students as a tool for teaching reading and literature in the classroom, once by it uses is possible a work that will make students more prepared for a better understanding of other texts, as well as their own reality. In order to see how this is possible, in a real situation, in this article is presented a study case of the application of a contemporary literature, the book *Os sete*, by André Vianco in a high school in São Paulo, so it will be possible the demonstration of the advantages of this type of exercise in the classroom.

Keywords: Reading. Paulo Freire. André Vianco

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

² Mestre em Letras pela UPM. Doutoranda (bolsista CAPES) em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

1 INTRODUÇÃO

Uma famosa canção dos anos 1980 nos diz “a cigana lê o meu destino”³ e a partir desta frase, já é possível notarmos a importância da leitura para a nossas vidas, uma vez que até mesmo nosso destino está disponível para ser lido.

Mas, como lê-lo? Com que referências, que instrumentos? Porém, antes mesmo de se chegar a estas respostas, surge outra grande questão: o que é ler? O que é essa tal de leitura?

Francesco Petrarca em sua obra *Secretum meum*, nos apresenta um diálogo ficcional entre ele e Santo Agostinho sob o olhar da Senhora Verdade. Ao confessar-se cansado da vida vã e tumultuada da cidade, Petrarca recebe de Agostinho a resposta de que sua vida é como um dos livros de sua biblioteca, porém é um livro que ele ainda não sabe como ler. Questiona-o, então, a respeito da consulta a outros textos sobre a situação na qual ele se encontra, inclusive escritos por ele mesmo, se isto não o ajudou, e obtém de Petrarca a resposta que sim, que durante a leitura são muito úteis, mas “assim que o livro deixa minhas mãos, todos meus sentimentos por ele desaparecem” (MANGUEL, 2009 p.81).

Agostinho, após este comentário de Petrarca, efetuará a seguinte sugestão:

Agostinho: Essa maneira de ler é agora bastante comum; há uma tal multidão de homens letrados... Mas se tivesses rabiscado algumas notas no lugar adequado, poderias facilmente deleitar-te com o fruto de tua leitura.

Francesco: A que tipo de notas fazes referência?

Agostinho: Sempre que leres um livro e encontrares frases maravilhosas que te instiguem ou deleitem teu coração, não confies apenas no poder de tua inteligência, mas força-te a aprendê-las de cor e torná-las familiares meditando sobre elas, de tal forma que ao surgir um caso urgente de aflição terás sempre o remédio pronto, como se estivesse escrito em tua mente. Quando encontrares quaisquer trechos que te pareçam úteis, faz uma marca forte neles, que poderá servir de visco em tua memória, pois de outra forma eles poderão voar para longe. (MANGUEL, 2009. p 81-82).

Assim, observa-se que o pensamento de Petrarca, transmitido por meio da observação de Agostinho, é o de que ler é selecionar o que é importante para o

³ Estrofe da canção “O Amanhã” de João Sergio, gravada em 1983 pela cantora Simone no álbum “Delírios, Delícias - Columbia 850 037”

indivíduo, mediante as suas reflexões sobre o objeto que está sendo lido para a criação de um novo texto de autoria do próprio leitor.

Pode-se, valendo-se desse exemplo, atestar que o processo de leitura é algo muito maior do que a simples decifração de signos; é um ato que envolve o indivíduo como um todo, exigindo dele percepção e reflexão, de forma que ,o que é leitura e qual o seu significado, são questões para as quais cada indivíduo terá uma resposta, pois é um conceito atrelado a experiência individual, pelo tempo e pelo espaço onde cada um está situado.

Levando-se estes fatores em conta, uma proposta de definição para o que é a leitura pode ser a de:

Um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. (...) O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 2007. p.30)

Ela é um fenômeno que vai além do texto que está sendo lido (texto aqui sendo entendido como uma expressão de qualquer tipo, linguístico, imagético, etc.). Ler não é apenas estabelecer uma correspondência entre os signos percebidos e significados previamente estabelecidos, ou no caso de textos escritos, criar uma relação entre sons e letras. Ler é uma forma de gerar conhecimento, por meio da interpretação e compreensão do mundo e do próprio ser humano.

E cada vez mais, principalmente no mundo atual em que vivemos, que nos apresenta uma comunicação instantânea, na maioria dos casos confiável, barata e acessível, mas, que também pode nos sufocar, encarar o ato da leitura como um momento de análise e reflexão é fundamental, uma vez que, não ocorrendo estes fatores os indivíduos são “dominados pela sobrecarga de informação dando prioridade à verborragia em detrimento da sabedoria” (FISCHER, 2005. p. 279).

2 O PROCESSO DE LEITURA

A leitura efetiva se realiza por meio de um processo de diálogo entre o leitor e o respectivo objeto da leitura (um texto escrito, uma música, um som, um gesto, uma

imagem, etc.). Está ligado ao tempo e ao espaço da leitura, bem como as necessidades, expectativas, reconhecimento das vivências e das descobertas do leitor, portanto “ler, e ler bem, depende muito de nós mesmos, das nossas condições reais de existência” (MARTINS, 2007. p.35), mais até do que de algum ensinamento específico

é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 2009. p 19-20).

Apesar de ser uma atividade que se desenvolve a partir de uma perspectiva individual, a leitura não é inata do ser humano. Ela é resultado de uma aquisição que dependerá de um sistema - a escrita ou uma representação simbólica da expressão humana - de um processo - alfabetização para o reconhecimento dos signos - e do próprio conjunto de valores da sociedade no qual o aprendiz desta leitura está inserido.

A leitura precede à escrita, uma vez que, desde que nascemos já iniciamos o processo de decifração e tradução dos signos que nos rodeiam. A partir do momento em que existimos, começa o processo de escaneamento e atribuição de sentido do mundo no qual estamos inseridos, portanto começamos a ler o mundo, mas para que esta leitura realmente faça sentido é necessária uma preparação do indivíduo a fim de que consiga identificar e atribuir os sentidos a sua leitura, de acordo com os valores da sociedade a que pertence.

Se a leitura pode ser entendida como a decifração de signos que rodeiam o ser humano, desde o início de sua existência no mundo, então é possível atestar, como fez Paulo Freire que “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (FREIRE, 1989. p. 4).

Portanto, para que o indivíduo se integre na sociedade a que pertence, faça parte do mundo que o rodeia, ele precisa ler o que está a sua volta, decifrar a sua

realidade e não fazê-lo apenas de uma maneira mecanicista, repetindo padrões, mas sim, de forma crítica, a fim de compreender e julgar por si próprio a sua realidade e as suas vivências.

No processo de leitura, o leitor vale-se, ao mesmo tempo, de seu conhecimento técnico de texto, bem como, de seu conhecimento de mundo para construir sua interpretação sobre o que está sendo lido, e daí é possível observar que a efetiva leitura de um texto é o resultado de uma análise/interpretação do material que se está lendo e o prévio conhecimento do leitor, portanto é a interação entre elementos textuais e vivências do leitor, sendo que, quanto maior a concordância entre estes pontos, maior a probabilidade de uma leitura completa e exitosa ocorrer.

Quando não conhecemos algo, o significado de alguma palavra, um lugar, um som ou um determinado contexto é natural que sintamos um medo ou, pelo menos, uma ansiedade que incomoda. Porém, quando passamos a entender o que nos é estranho, nos perturba, o temor que nos atingia desaparece e passamos a compreender e a decodificar o que antes era um mistério, uma dificuldade e, então, somos capazes de decidir por nós mesmos o que é melhor para cada situação apresentada, como nos diz Paulo Freire (1989) “Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” (p.11). E tudo isto acontece, por que sabemos ler o que nos está sendo proposto de uma forma integral. Deste modo, passamos a tomar parte conscientemente e por completo na sociedade em que vivemos.

Hoje se vive em um mundo, no qual, tudo é muito rápido e quase não se tem tempo para uma pausa de reflexão entre os atos que executamos. E isto não exclui o ato da leitura. Somos bombardeados a cada momento por imagens, textos escritos, sons das mais diversas maneiras e formas.

Sem dúvida, isto nos leva a ter um processo de assimilação da informação de maneira distinta da ocorrida em outras épocas.

Os próprios textos, também, apresentam características diferenciadas, uma vez que, no mundo contemporâneo, permeado por uma cultura racional e objetiva, a função da leitura passa a ser a de informar, formar, trazer conhecimento sobre nós

mesmos e o mundo que nos circunda, disfarçar a solidão e construir sentidos e interpretações do mundo, por meio das experiências que atravessam milênios nos textos.

Hoje, no século XXI, têm-se os mais diversos tipos de comunicação disponibilizando informações e divulgando conhecimentos, mas, sem dúvida, o texto escrito ainda continua com grande importância, mesmo andando junto a textos imagéticos, sonoros e outros.

Segundo Maria Helena Martins (2007, p.65):

a construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada a condições propícias para ler, para dar sentido ou atribuir significado a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não, quer sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social.

Assim que, o preparo do leitor contemporâneo está vinculado ao processo de alfabetização e letramento, que para Paulo Freire

tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (Paulo FREIRE, Educação na cidade, 191, p. 68 Apud GADOTTI).

Portanto, é necessário no mundo contemporâneo que o educador, cada vez mais, crie as condições para “o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.” (MARTINS, 2007, p.34), e então, criando um diálogo entre leitor e leitura, observando os sentidos que ele dá a sua leitura (de um texto, um quadro, um som, etc.) e sendo um mediador de leituras, será possível formar leitores conscientes e críticos.

3 A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DA LEITURA

Sem dúvida, uma grande parceira para o ensino da leitura no mundo contemporâneo é a literatura.

Pode ser dizer que a literatura é um importante instrumento na formação do homem, uma vez que, como cita Antonio Candido, ela tem o poder de humanizar, pois faz viver. Viver novas experiências, entrar em contato com novas realidades e pontos de vista e torna o leitor capaz de criar uma identificação de sua realidade com o universo vivencial representado na literatura.

Na literatura, tem-se uma transfiguração do real. Sentimentos são revelados e retratados, bem como, as mais diversas relações entre o que o homem sente, vive, admira e, inclusive, tem-se a representação de suas maiores angústias e medos. Portanto, ler a literatura, faz com que se crie uma consciência do que o indivíduo é, qual sua posição no mundo em que vive e como poderá agir para chegar ao mundo que gostaria de viver.

De acordo com o autor peruano e Nobel de literatura, Mário Vargas Llosa, em seu texto *Em defesa do romance* a literatura não é um mero passatempo, pois ela é

desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhes determinam o horizonte. (LLOSA, 2009).

A literatura pode ensinar o homem a ver as diferenças existentes no universo e ser capaz de reconhecer o patrimônio cultural e criativo que está a sua disposição, para seu próprio crescimento como ser humano. Também, tem a capacidade de, como todas as belas artes, deixar, nem que seja por um minuto, a vida mais bela e mais divertida.

Pensando-se de uma forma prática, a literatura pode ampliar o horizonte linguístico e imaginativo de quem lê

uma pessoa que não lê, ou que lê pouco, ou que lê apenas por carias, pode falar muito, mas dirá sempre poucas coisas, porque para se exprimir dispõe de um repertório reduzido e inadequado de vocábulos. Não se trata apenas de um limite verbal; é, a um só

tempo, um limite intelectual e de horizonte imaginário, uma indigência de pensamentos e de conhecimentos, porque as ideias, os conceitos, mediante os quais nos apropriamos da realidade e dos segredos da nossa condição, não existem dissociados das palavras, por meio das quais as reconhece e define a consciência. Aprende-se a falar com precisão, com profundidade, com rigor e agudeza, graças à boa literatura, e apenas graças a ela. (LLOSA, 2009).

Ler é uma forma de libertação, uma vez que, pode proteger o indivíduo de tiranias e dominações, quando ele tem o conhecimento de decifrar as mensagens que foram passadas, durante milênios para ele através de textos. E, muito deste conhecimento está vinculado à literatura.

A literatura transforma o indivíduo em um ser crítico e reflexivo, já que ela não apresenta respostas prontas, mas sim provoca e questiona seu admirador. Além do mais, ela se oferece para apresentar as mais distintas ideias e crenças, sem julgar ou condenar, pois, sua função é apenas de mostrá-las a quem se interessar.

Alunos são enviados para a escola para aprender, dentre outras coisas, a ler. A fim de ensinar a ler, a compreender os textos e participar de uma reflexão criativa, então, o professor deverá fazer a escolha de textos para serem trabalhados na sala de aula e deverá efetuar um trabalho de intermediação entre o texto e os alunos.

Mais do que ensinar a ler mecanicamente, a escolha dos textos a serem utilizados na sala de aula, principalmente no ensino médio, devem abrir espaço para discussões, dentro e fora, do âmbito escolar e proporcionar uma reflexão analítica por parte dos alunos.

A literatura, conforme visto anteriormente, pode auxiliar o indivíduo na capacitação de uma visão analítico-reflexiva, e

consequentemente, a proposta de que a leitura [de literatura] seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre texto e leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p.35).

Deste modo, a escola utilizando-se da leitura de literatura, para as práticas em sala de aula, pode criar um novo vínculo entre os estudantes e as obras literárias, e até mesmo, entre os alunos e os professores, uma vez que, se

estimulando a vivência do aluno com relação ao texto, provocando nele uma descoberta de um novo mundo e, principalmente, demonstrando que mais de uma interpretação da obra literária é possível, quebra-se o paradigma de que sempre existe apenas uma resposta correta, e abre-se o diálogo entre aluno e professor, tornando o aluno de fato coparticipante no processo de aprendizagem.

Com relação à função do ensino médio, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, no inciso III temos “III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” (LDB, 1996), portanto, mais uma vez se justifica o uso da literatura em sala de aula, já que, como diz Antonio Cândido, “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CÂNDIDO, 1995, p. 249).

Para que esta formação ocorra na realidade é de suma importância escolher bem os textos para serem aplicados na sala de aula, e isto não significa excluir este ou aquele assunto, muitas vezes, apenas por preconceito ou receio de como trabalhar um determinado tema.

Como já foi mencionado, a literatura serve para produzir questionamentos e pensar de forma reflexiva, portanto é necessária a escolha de textos que provoquem o leitor. Mas, não se deve esquecer de que, tendo-se o objetivo de se formar leitores de fato, o prazer está envolvido nesta equação, portanto deve-se, também, pensar em qual tipo de literatura atrai os estudantes.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, de 2006, propõe o privilégio ao uso, pela escola, da Literatura Brasileira, não apenas valendo-se das obras da tradição literária, como também utilizando a literatura contemporânea, uma vez que

Também é desejável adotar uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas, sobretudo artes plásticas e cinema, não de um modo simplista, diluindo as fronteiras entre elas e substituindo uma coisa por outra, mas mantendo as especificidades e o modo de ser de cada uma delas, pois só assim, não pejorativamente escolarizados, serão capazes de oferecer fruição e conhecimento, binômio inseparável da arte. (*ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO*, 2006, p. 74).

Porém, ainda nos dias atuais, quando se pensa em literatura para ser utilizada como leitura no ensino médio, logo se imagina os títulos que fazem parte das listas obrigatórias para o vestibular, que por sua vez são os textos clássicos da tradição literária da língua portuguesa, como *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett; *Til* de José de Alencar; *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida; *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis; *O cortiço* de Aluísio Azevedo; *A cidade e as serras* de Eça de Queirós; *Vidas secas* de Graciliano Ramos; *Capitães da areia* de Jorge Amado; *Sentimento do mundo* de Carlos Drummond de Andrade, *Sonetos* de Luís de Camões e *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, que são os livros que compõe a lista dos obrigatórios dos maiores vestibulares do país FUVEST e UNICAMP, já que, de acordo com Renato Pedrosa, coordenador do vestibular da Unicamp, existe a preocupação de que os livros solicitados sejam todos de domínio público, por serem fáceis de encontrar e baratos.

Assim, é possível observar que, a literatura contemporânea acaba, muitas vezes, não sendo apresentada ao estudante, parecendo que a produção de literatura, principalmente no país, ocorreu apenas até as décadas de 60/70 do século passado.

Isto ocorre, também, devido à base do estudo de literatura no ensino médio, ser ainda a de se estudar a história da literatura, de acordo com uma ordem cronológica e não a de proporcionar reflexões e discussões sobre as obras literárias, apenas buscando preparar os estudantes para a execução de provas vestibulares e acabam

aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as "palavras da escola", e não as "palavras da realidade". (FREIRE,1986, p.164).

E o aluno, quando tem acesso a literatura verdadeiramente contemporânea, ou seja, a que está sendo produzida na época atual, passa acreditar que ela é de menor valor que a dos livros tradicionais que a escola pede, apesar de sentir mais prazer e deliciar-se mais com a sua leitura. E não que ela seja mais fácil, pois muitas

vezes, as narrativas contemporâneas fogem da linearidade no texto e apresentam estruturas complexas, de acordo com o mundo atual.

Mas, pensando-se que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.12), pode-se observar que algumas escolas estão mudando a forma como ensinam literatura, buscando além de preparar seus alunos para as provas vestibulares, criar leitores conscientes e críticos e que possa gozar do direito à liberdade e humanidade que é conferido pela literatura.

Os jovens representam um grande mercado consumidor de literatura contemporânea no país. Da série Harry Potter foram vendidos 3 (três) milhões e da série Crepúsculo foram mais 5 (cinco) milhões e meio de livros vendidos, o que também demonstra que apesar do que se fala, eles tem interesse pela leitura. Então, por que não aproveitar isso na sala de aula?

Em Curitiba, alunos do colégio Positivo leram *Inocência*, escrito em 1872 por Visconde de Taunay, e *Contos de Amor Rasgados*, publicado em 1986 por Marina Colasanti, a fim de estudar o tema do amor romântico e puderam concluir que o amor não é, nos dias atuais, mais tão idealizado como era em outras épocas.

Até mesmo algumas provas vestibulares já sentiram a necessidade de propor obras atuais, em suas listas de livros obrigatórios, como é o caso da UFSM (Federal de Santa Maria), que prevê a leitura de *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001), de Luiz Ruffato.

Portanto, a escola não deve mais abster-se de trabalhar com a literatura contemporânea, na sala de aula, pois ela não quer roubar o lugar de nenhuma outra obra, apenas quer dialogar com suas antecessoras de modo a enriquecer o repertório de seus alunos transformando-os em leitores cada vez mais críticos, analíticos e reflexivos.

4 APLICAÇÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA

Com a finalidade de demonstrar como isto pode ser feito na prática, será mostrado a seguir o caso da aplicação do livro *Os Sete*, de André Vianco, na matéria de Língua Portuguesa, do Colégio Consolata.

O Colégio Consolata, localizado no bairro do Imirim, na cidade de São Paulo, é uma instituição filantrópica, de natureza confessional e caráter de assistência social e educacional. Tem como fundamento os princípios do Pe. José Allamano - fundador da Congregação das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora da Consolata - de promover o desenvolvimento do ser humano através da educação, da cultura e da assistência social, a fim de torná-lo apto como cidadão. Busca promover o bem comum, a paz e a justiça inspirado nos ideais de liberdade e solidariedade humanas, por meio de ações transformadoras da sociedade, promovidas por seus educandos que são preparados para o pleno exercício da cidadania.

Atentos a importância da inserção de elementos do mundo contemporâneo na sala de aula, os professores do Colégio Consolata, buscam sempre que possível, trabalhar com matérias, materiais e tecnologias atuais.

Deste desejo, surgiu a iniciativa, no ano de 2009, da solicitação da leitura do livro *Os Sete*, de André Vianco, para o primeiro ano do ensino médio, na matéria de Língua Portuguesa. Além do livro *Os Sete*, os alunos desta série leram também, durante o ano as seguintes obras: *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak e *A hora da Estrela* de Clarice Lispector.

O processo de escolha dos livros que são utilizados em aula no colégio é feito com base nas necessidades, seja por obras que devem ser conhecidas para provas vestibulares ou devido à importância na tradição cultural, ou até mesmo, porque tratam de algum assunto que deva ser discutido na sala de aula. Ela, também leva em conta a preferência dos alunos, com relação aos livros e busca aplicá-los quando possível, e este foi o caso da obra *Os Sete*, apresentada à professora por uma aluna, que acabou sendo inserida na lista das leituras do primeiro ano do ensino médio, uma vez que, tem um tema que interessa aos adolescentes de hoje e traz a possibilidade de se trabalhar a cultura e a história do Brasil, de forma atual e

também discutir valores importantes para a sociedade como a questão do bem e do mal.

A escola acredita que a leitura de autores contemporâneos é positiva, pois, eles traduzem os anseios da juventude atual, tem uma linguagem mais próxima dos alunos, e juntamente com a mediação do professor, acabam trazendo as obras de autores clássicos como Joaquim Maria Machado de Assis, José Martiniano de Alencar, José Maria de Eça de Queirós, Luís Vaz de Camões, entre outros, para o mundo real dos alunos.

Para um melhor entendimento de como este livro foi trabalhado na sala de aula e qual o comportamento dos alunos com relação à obra, será apresentada, a seguir, uma breve biografia do autor André Vianco e um resumo do livro *Os Sete*.

Nascido em São Paulo e criado na cidade de Osasco, André Vianco é o mais popular escritor brasileiro de obras de terror e suspense, principalmente as que têm como personagens os vampiros. Ele começou profissionalmente a escrever, produzindo textos para a Rádio Jovem Pan e em 1999, após uma demissão, utilizou seu fundo de garantia para produzir 1.000 (mil) cópias do livro *Os Sete* e passou a divulgá-lo pessoalmente em livrarias. Devido ao sucesso nas vendas, a editora Novo Século se interessou por sua obra e em 2000 republicou o livro *Os Sete* (que já estava esgotado), bem como lançou a obra *O Senhor da Chuva*, que é o livro antecessor a esse. Hoje, o autor conta com 20 (vinte) livros publicados e já vendeu mais de 500 (quinhentos) mil exemplares, sendo que 100 (cem) mil foram apenas do livro *Os Sete*.

Suas obras são de ação, aventura e terror e contam com uma narrativa dinâmica, rápida com descrições perfeitas de cenas de ação, como lutas e perseguições. Os vampiros, apesar de não serem os únicos personagens fantásticos utilizados pelo autor, são os que ganham maior espaço e destaque em sua obra. Sua grande inspiração são as lendas dos diversos povos, por exemplo, aborígenes australianos, e também gosta de demonstrar em seus livros temas que o preocupam como, por exemplo, o incentivo à leitura e ao meio ambiente.

É, atualmente, um autor reconhecido pela mídia, com matérias sobre ele tendo sido apresentadas nas revistas *IstoÉ*, *Trip* e *Veja*, em jornais como *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Está presente na internet com um blog (blogdovianco.com) e

nas mídias sociais (*Twitter, Facebook, Instagram*) fato esse que o aproximam muito dos seus leitores.

Os *Sete*, primeiro livro de André Vianco, apresenta a história dos jovens amigos, Tiago, Olavo e César, da pequena cidade de Amarração, no Rio Grande do Sul, que mergulhando encontram uma antiga caravela naufragada. Descobrem que se trata de uma caravela da época do descobrimento do Brasil, com uma grande caixa de prata dentro, que acreditam conter um tesouro.

Buscando obter alguma vantagem com este achado, os jovens entram em contato, por meio de uma amiga de infância, Eliana, com uma Universidade de Porto Alegre, que retirará a caravela e a caixa do fundo do mar. Indo contra as descrições contidas na caixa, cientistas da universidade e os jovens exploradores decidem abri-la, e quando isto acontece descobrem que não havia nenhum tesouro ali, mas sim, sete corpos bem conservados que irão, um por um, despertar do sono profundo em que foram postos.

Estes são os corpos dos Vampiros do Rio Douro: "Inverno", "Acordador", "Tempestade", "Lobo", "Espelho", "Gentil" e "Sétimo", que foram aprisionados ali há quinhentos anos, pois, cada qual é detentor de um tipo de poder sobrenatural, como por exemplo o de gelar o lugar onde se encontra, e também donos de uma força e velocidade sobre-humanas, que causam estragos e mortes por onde passam.

Enquanto é narrado o despertar dessas criaturas, acompanha-se uma história paralela que é a da fuga dos amigos Tiago e Eliana, uma vez que os vampiros estão atrás de Eliana, por se sentirem atraídos por seu cheiro. Tanto os personagens humanos, como as paisagens descritas no livro *Os Sete*, são bastante representativos da realidade brasileira. Já o final da história, proporciona reviravoltas que fazem com que o leitor queira, o mais breve possível, ler a sua continuação, no caso o livro *O Sétimo*.

A escolha desse livro para a aplicação na sala de aula ocorreu por ser um texto contemporâneo, com uma narrativa ágil e uma linguagem de acordo com os dias atuais. A opção por se trabalhar com um autor brasileiro vivo, jovem, que está em produção da sua obra, e tem inclusive um canal aberto para o contato com seus leitores, busca demonstrar aos alunos que a literatura é viva e está continuamente sendo produzida e traz consigo as características da época em que é produzida.

O trabalho com livro na sala de aula é feito da seguinte maneira: é aplicada uma prova individual, com valor de 0 (zero) a 6 (seis), com a finalidade de se conferir a efetiva leitura da obra por parte dos alunos; em grupo é desenvolvido um seminário, no qual os alunos apresentam suas reflexões sobre os aspectos históricos, culturais e sociais relacionados à obra, com valor de 0 (zero) a 2 (dois), e por fim, realizam uma apresentação plástica, também com valor de 0 (zero) a 2 (dois), que nesse caso, foi a confecção de um poema relacionado ao livro, que teve sua declamação feita em uma apresentação para os demais alunos do colégio em um evento específico.

A prova individual aplicada, mescla questões de múltipla escolha e dissertativas, de forma que seja possível uma verificação sobre se houve a efetiva leitura, por parte dos alunos, do livro *Os Sete*. Essa avaliação é também necessária como um documento de avaliação para o colégio. Nela se busca avaliar os pontos teóricos aprendidos pelos estudantes, como as questões relativas ao narrador, enredo, personagens, formação de alegorias, conflitos integrantes da obra, e compreensão efetiva dos textos.

Como resultado, foi observado um bom aproveitamento dos referidos pontos por parte dos alunos, uma vez que os resultados da avaliação foram considerados bons, principalmente, quando comparados aos resultados das avaliações das obras *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente e *A hora da Estrela* de Clarice Lispector, nas quais os alunos apresentaram maiores dificuldades. Esta maior facilidade para compreensão e trabalho com a obra apareceu também no seminário e na confecção do poema, que compuseram as demais avaliações do processo.

Os seminários sobre o livro *Os Sete*, foram realizados em grupos de 5 (cinco) a 7 (sete) alunos que deveriam de forma criativa, utilizando-se de uma apresentação no formato “powerpoint”, com a obrigatoriedade da inserção de um vídeo, demonstrar os aspectos históricos e socioculturais presentes na obra, relacionando-os com a realidade. Cada grupo da sala deveria apresentar um determinado ponto, um o histórico, o outro o social, outro o cultural, para no final, com a mediação do professor, ser feita uma conclusão demonstrando como um ponto se relaciona com os demais.

As apresentações foram muito bem feitas e abordaram discussões sobre temas como o que é cultura e como ela é vista por cada tipo de sociedade, que foi trabalhado pelos alunos demonstrando o comportamento dos personagens vampiros pertencentes ao século XVI, em relação aos humanos do século XXI; o que é linguagem e como ela pode se modificar com a alteração da sociedade, mostrada por meio da comparação dos discursos de diferentes épocas presentes na obra; quais as tecnologias disponíveis para o homem e como são utilizadas em cada época; o que representam os personagens do livro com relação à realidade, onde foram feitas comparações entre o que poderia representar um herói ou um vampiro no mundo real.

Assim, é possível ver que a partir da leitura deste livro, vários temas puderam ser trazidos para a sala de aula e foram discutidos de forma crítica e analítica pelos alunos. Foi também notada a facilidade com que os alunos estabeleceram as relações pedidas com o texto, pois, conforme foi citado por eles, a linguagem e o formato do romance são atuais e dialogam diretamente com seu mundo, gerando um fácil entendimento da obra.

Em conversa com os alunos observou-se que a grande maioria leu efetivamente e gostou do livro *Os sete*, e inclusive buscou saber mais sobre o autor e suas outras obras, sendo que vários alunos já tinham lido inclusive a sua sequência *O Sétimo*. Alguns também compartilharam a leitura com seus pais, que também, gostaram da obra de Vianco.

Este livro foi considerado o preferido dos lidos no ano, pois apesar de, como disseram os alunos, ter sido o maior, com 380 (trezentas e oitenta) páginas sem ilustrações, foi o mais fácil e gostoso de ler, por se aproximar das suas leituras preferidas que são os livros da série Harry Potter, Crepúsculo ou as aventuras do autor Dan Brown.

Consideraram, também, muito importante o fato da escola fornecer o acesso a este tipo de literatura, pois demonstra que não existem apenas “livros bons” feitos no passado, mas sim que, muita coisa continua sendo produzida e levam em frente a tradição literária clássica. Alguns alunos disseram que após a leitura deste livro, leram *Drácula* de Bram Stoker, pois quiseram ver como era tratado o personagem vampiro nessa obra.

Outro ponto importante a ser levantado é o de que a maioria dos alunos teve prazer em ler *Os Sete*, não foi considerado apenas uma obrigação, e a partir desta leitura puderam compreender melhor os textos clássicos lidos, uma vez que entenderam como um autor pode trabalhar temas universais, como amor, ódio, o questionamento quando a posição do homem no mundo, a partir de valores da sua época, deste modo, inclusive conseguiram estabelecer a relação entre literatura e história.

A paixão pelos livros e pela leitura também pode ser vista na apresentação dos poemas feitos pelos alunos, que foram capazes de criar textos complexos e adequados à proposta, o que demonstra como a literatura pode também criar bons escritores, que seduzam e criem novos leitores, uma vez que as apresentações dos primeiros anos do ensino médio foram um sucesso no evento do colégio.

Desse modo, é possível por meio dessa experiência observar o que diz Paulo Freire em sua obra *Educação como prática da liberdade*

A partir das relações do homem com a realidade resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (1999, p. 51).

Enfim, com o acompanhamento e observação da aplicação do livro *Os Sete*, para os primeiros anos do ensino médio do Colégio Consolata, foi possível comprovar como a literatura contemporânea pode provocar muitas discussões, para que se possa desenvolver a capacidade reflexiva e analítica do ser humano, inclusive, proporcionando uma maior capacidade para a compreensão de outros textos de distintas épocas, bem como de sua própria realidade, pois como nos diz Alberto Manguel, “ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (2009, p.33).

5 CONCLUSÃO

No presente artigo, buscou-se mostrar que o processo de leitura envolve muito mais do que a decodificação de símbolos, ele é um processo dinâmico que

envolve componentes sensoriais, intelectuais, físicos do indivíduo, bem como o seu exterior, uma vez que, passa por fatores socioculturais, como a cultura, a política e a economia do ambiente no qual o leitor está imerso.

A leitura é uma forma de gerar conhecimento, pois, por meio dela o indivíduo se torna capaz de interpretar e compreender o mundo e o próprio ser humano.

Uma das ferramentas que se tem disponível para o desenvolvimento da leitura é a literatura, que por ser uma forma de arte, tem o poder de ampliar os sentidos e gerar questionamentos no homem.

Cada época tem sua própria expressão literária, que é produzida de acordo com sua história, sua cultura, e seus valores e crenças.

Portanto, é importante olhar para a produção literária contemporânea, sem preconceitos, e verificar que a literatura continua viva e ativa nos dias atuais.

É interessante, que essa literatura seja levada para a sala de aula, pois, por meio dela, podem ser levantados diversos temas que podem ser trabalhados pelos professores e pelos alunos e desta forma criar indivíduos conscientes, com uma maior capacidade de análise e reflexão, que possuam “a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo de ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’” (FREIRE, 1997, p. 90); bem como o desenvolvimento de leitores efetivos e apaixonados por obras literárias.

Assim, é importante que não se tenha preconceitos com os textos, pois como nos diz Michael Thomas Ford,

“Essa coisa de popular versus erudito” [...] “Detesto quando as pessoas tentam dizer que um é melhor que o outro. Como se os livros que as pessoas gostam de ler fossem de alguma forma inferiores aos livros que os esnobes eruditos aprovam. [...] Sempre que gosto de certo livro, alguém diz algo depreciativo a respeito, falando que, se é popular, não pode ser erudito. É uma idiotice. Em seguida, ficam irritados quando os lembro que alguns livros que consideramos clássicos hoje foram considerados ficção popular na sua época. Dickens, por exemplo. Mesmo Austen. (Ford, 2010, p.161).

Por fim, chega-se à conclusão de que o que a escola deve buscar é a criação de leitores efetivos e conscientes, apaixonados pela literatura e não apenas

obrigados a reconhecer as denominadas “obras clássicas” de forma obrigatória e desestimulante.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases*, LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 22/04/2011.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. 3. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FORD, Michael Thomas. *Jane Austen, A vampira*. 1.ed. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de Ler em três artigos que se completam*. 23.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Alfabetização e Letramento: Como negar nossa história*. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/2388/FPF_PTPF_13_048.pdf>. Acesso em: 12/09/2014.

_____; Zilberman, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador – A leitura em seus discursos*. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

LLOSA, Mário Vargas. *Em defesa do romance*. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com/edicao-37/questoes-literarias/em-defesa-do-romance>. Acesso em 15/09/2010.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

Ministério da Educação e do Desporto *Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>.

Acesso em: 22/04/2011.

VIANCO, André. *Os Sete*. 1.ed. São Paulo: Novo Século editora, 2008.